Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

"AS CIÊNCIAS NO BRASIL" (1955)
Biografia de um livro para a historiografia das ciências no Brasil

"THE SCIENCES IN BRAZIL" (1955)
Biography of one book for the historiography of sciences in Brazil

AGENOR MANOEL DA SILVA FILHO[1]

RESUMO

Este trabalho apresenta de forma sucinta a história do livro "As Ciências no Brasil", publicado em 1955. Obra que reuniu quatorze importantes cientistas brasileiros para escrever o trabalho que é considerado a primeira síntese da história das ciências no Brasil. Utilizando cartas, manuscritos e matérias de jornais, tento descrever os processos de produção do livro e tecer algumas considerações sobre sua primeira recepção, dando ênfase aos aspectos materiais da obra para entender também a função-autor desempenhada pelo seu organizador, Fernando de Azevedo.

Palavras-chave: *As Ciências no Brasil*; Livro; História; Materialidade; Recepção.

ABSTRACT

In a brief way this work presents the history of the book "The Sciences in Brazil", published in 1955. Bringing together fourteen important Brazilian scientists to write a work that is considered the first synthesis of the history of sciences in Brazil. Using letters, manuscripts and newspapers, I try to describe the book production process and make some considerations about its first reception, giving emphasis on the material aspects of this book in order to also understand the author-function played by its organizer, Fernando de Azevedo.

Keywords: *The Sciences in Brazil*; Book; History; Materiality; Reception.

INTRODUÇÃO

[1] Mestrando em História pela Universidade Federal de São Paulo (EFLCH-Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil). Graduado em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL-UFRB). E-mail: agenorbaoba@gmail.com. Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), pela bolsa que tem possibilitado a realização deste e de outros trabalhos; à profa. dra. Maria Rita de Almeida Toledo (*in memoriam*) pela orientação e por tudo que ensinou (e ensina); ao prof. dr. Fábio Franzini, atual orientador; à Arturo Alcorta, pelo incentivo constante; à Olga Vieira, Arnaldo Vieira e Marisete (Zete) Alves, pelo contínuo apoio.

Em um número máximo de trinta páginas e num intervalo de seis meses, escrever toda a história das ciências no Brasil, "desde as primeiras manifestações até o seu estado atual".[2] Estas foram as instruções iniciais dadas por Fernando de Azevedo (1894-1974) aos colaboradores que integrariam a lista de autores do livro *As Ciências no Brasil*, publicado no final de 1955 pela Editora Melhoramentos, é considerada a primeira obra de síntese geral da história das ciências no Brasil.

Em dois volumes ricamente ilustrados, somando um total de 878 páginas (na primeira edição), a obra reuniu os trabalhos de 14 eminentes cientistas da época sob a organização e direção de Fernando de Azevedo (que também escreveu a Introdução e um dos capítulos). Tornou-se, assim, uma obra "monumental", "enciclopédica", que congregou a história de diferentes áreas, desde a Matemática até a Antropologia e Sociologia no Brasil. Um livro que, para muitos, resume a historiografia das ciências no Brasil da primeira metade do século XX; sempre citada nos estudos de revisão e crítica historiográfica do campo da História das Ciências no Brasil (HCB), a obra foi pouco investigada em suas dimensões históricas de produção e circulação.

De onde surgiu a ideia para a publicação deste livro? Por que Azevedo foi escolhido para organizar e planejar a obra? Que critérios utilizou para escolher os cientistas que colaborariam com a escrita dos capítulos? Como foi a primeira recepção do livro, em meados da década de 1950? Essas perguntas iniciais me guiaram na busca de entender em que contexto a obra foi concebida, quais projeções foram feitas sobre ela e quais as intenções que os editores e o próprio Azevedo pretendiam com sua publicação.

A bibliografia crítica sobre a história da historiografia das ciências no Brasil indicia a importância historiográfica da obra (SILVA FILHO, 2024), e o recente estudo de Rayane Oliveira (2016) é uma das investigações que abrem o caminho para pensar neste livro como objeto histórico em si.

Partindo disso, neste texto apresento alguns resultados da pesquisa mais ampla que tem sido feita sobre o livro *As Ciências no Brasil* e seu organizador, Fernando de Azevedo. Em virtude dos limites exigidos para este trabalho, minha

[2] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6/1,08 – 10 dezembro de 1952.

preocupação está voltada apenas para (1) a análise da história da produção do livro, que abarca o período de 1952 a 1955, (2) os cientistas escolhidos para colaborarem com sua escrita, (3) as características materiais da obra e (4) alguns apontamentos acerca de sua recepção na década de 1950.

Narrar o que estou caracterizando como "biografia de um livro", termo que tomo de empréstimo de Marisa Deaecto (2021, p. 31), significa rastrear os meandros de sua concepção e acompanhar os significados e interpretações que lhes foram atribuídos a partir de suas publicações (e mesmo antes de ser publicado). Mas também envolve investigar os sujeitos que atuaram diretamente em sua produção, autores, organizador, editor, idealizador. A história do livro, como já afirmou Donald F. McKenzie (2018, p. 12) é "um tipo de estudo relevante à história de toda disciplina que depende de textos", mas tal estudo não pode ficar limitado apenas à análise dos próprios textos (MCKENZIE, 2018, p. 26). A forma material do livro (capa, contracapa, orelhas, layout, fontes, disposição de notas, divisão dos parágrafos etc.) é parte também fundamental para se pensar uma "biografia do livro". Para James Raven (2023, p. 21), "uma tarefa essencial do historiador do livro é certamente demonstrar como diferentes formas materiais de livros produzem diferentes leituras e múltiplos significados."

Utilizo os trabalhos de Roger Chartier (2012; 2021), Michel Foucault (2009), João Adolfo Hansen (2019), Gerard Genette (2009), Antoine Compagnon (2010), entre outros, para operacionalizar algumas das análises tecidas neste estudo. É importante dizer, porém, que, dado o caráter indefinido da pesquisa, os resultados aqui compartilhados estão marcados por um estilo ensaístico, que expressam, portanto, a intenção de estabelecer diálogos críticos mais do que expor conclusões acabadas.

1. A CONCEPÇÃO DO LIVRO.

Foi no dia 5 de janeiro de 1951, na cidade do Rio de Janeiro, no 17º andar da Agência Metropolitana, Av. Rio Branco, n. 138, em uma célebre reunião dos dirigentes da SulAmérica Companhia de Seguros de Vida, da SulAmérica Terrestre Marítimos e Acidentes, da SulAmérica Capitalização e do Banco Hipotecário Lar Brasileiro, que a *Instituição Larragoiti* foi fundada, e na mesma

ocasião foi apresentado seu estatuto, dispondo de vinte e um artigos que enfatizavam o caráter social e filantrópico da autarquia.[3]

Imagem 1: Criação da Instituição Larragoiti



SUL AMERICA Março 1951 9

INSTITUIÇÃO LARRAGOITI

AUSPICIOSA foi a data de 5 de janeiro de 1951, a qual, certo, permanecerá na memória de todos quantos trabalham nas Companhias "SUL AMERICA" e no "LAR BRASILEIRO", por assinalar a fundação da "INSTITUIÇÃO LARRAGOITI", cujo fim será prestar assistência social, não apenas aos funcionários das quatro emprêsas, mas, também, às pessoas componentes de suas famílias.

Numa demonstração de largo descortínio, quiseram os principais dirigentes dessas emprêsas estender amparo espiritual e material, de maneira permanente e efetiva, a todos os seus colaboradores, sem distinção de categoria, antecipando-se, como sempre têm feito, a quaisquer outras iniciativas nesse terreno.

A obra, que se inicia com a doação de vinte milhões de cruzeiros, tem completas possibilidades de êxito e constituirá para todos os empregados benefício de larga significação. E a leitura dos estatutos da "INSTITUIÇÃO LARRAGOITI", que transcrevemos no final, dispensa qualquer comentário.

Para comunicar a boa nova, o Sr. Antonio Sanchez de Larragoiti Junior fez reunir no 17.º andar da Agência Metropolitana da "SUL AMERICA" — Vida, à Avenida Rio Branco n.º 138, todos os Diretores, Oficiais e representantes do corpo de funcionários das quatro emprêsas — "SUL AMERICA", Companhia Nacional de Seguros de Vida; "SUL AMERICA TERRESTRES, MARITIMOS E ACIDENTES; "SUL AMERICA CAPITALIZAÇÃO" e "BANCO HIPOTECÁRIO LAR BRASILEIRO" — e, perante numeroso auditório, proferiu as seguintes palavras:

Meus queridos colegas, meus caros companheiros de trabalho das Companhias "Sul America" e do "Banco Hipotecário Lar Brasileiro":

Domina os dirigentes destas Emprêsas, desde os primórdios da sua fundação, o empenho de conseguir a maior cooperação entre todos os seus colaboradores. Nossos auxiliares compreenderam, de início, o alcance social da nossa obra e quanto o seu bom êxito significaria, uma conquista para a coletividade.

O trabalho para nós não tem sido uma simples tarefa a cumprir, pois traz em si uma mensagem que ultrapassa a rotina, para atingir plano mais nobre.

Nêste período de atividades das nossas Companhias, temos concorrido para que os nossos segurados, a par dos nossos companheiros de labor, conheçam a tranquilidade das noites sem pesadelos, da mocidade sem privações, da velhice sem miséria.

Prosseguindo no desenvolvimento do programa traçado por seus fundadores, há mais de cinqüenta anos, os atuais Diretores das Companhias que formam o Grupo "Sul America" e "Lar Brasileiro" alegram-se de haver podido, cada qual no âmbito das suas realizações, edificar obras que contribuem para

Sr. Dr. Antonio Sanchez de Larragoiti Junior quando lia seu discurso — A sua direita o sr. Antonio Ernesto Waller, e à esquerda o sr. Antonio M. Márques, todos Diretores da Companhia

Sr. Dr. João Vicente Campos, advogado de Salma, no momento em que procedia à leitura da saudação em nome dos funcionários das quatro Companhias

Fonte: Revista *SulAmerica*, n. 123, p. 9 (1951)

A Instituição seria presidida por Antônio Larragoiti Júnior (membro da família que fundou a SulAmérica, em 1895), mas a direção executiva ficou a cargo do médico criminologista Leonídio Ribeiro (1893-1976), aquele que transformaria os projetos e ideias em realizações concretas. Sob a direção de Ribeiro, a Instituição Larragoiti buscou empreender uma "obra de assistência social aos brasileiros das classes menos favorecidas pela fortuna". Para isso, planejava-se "cuidar do bem-estar de uma parte dos trabalhadores brasileiros", sobretudo a dos próprios funcionários e colaboradores daquelas companhias, com a criação de hospitais e outras instituições de serviço geral à saúde e lazer, mas também, nas palavras de Ribeiro, "cuidar dos problemas de recreação e

[3] Instituição Larragoiti. *SulAmerica*, ano XXXII, n. 123, p. 9-14, jan./mar. 1951.

melhoria do grau de cultura de nossos funcionários, por meio de filmes educativos, bibliotecas e cursos de aperfeiçoamento e especialização".[4]

Esta obra de assistência social, em sua dimensão cultural e "sem interesse de ordem comercial", tinha como objetivo "publicar uma série de volumes que irão constituir uma enciclopédia de assuntos brasileiros, em edição de luxo, procurando assim corresponder aos anseios dos sábios e artistas para servir aos interesses da cultura nacional".[5] Foi desta forma que Leonídio Ribeiro contextualizou a publicação do primeiro volume de *As artes plásticas no Brasil*, em 1952, organizada por Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969), que àquela época presidia o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual IPHAN.

Em 28 de setembro de 1952, ao ser entrevistado para o jornal *Diário Carioca*, Leonídio Ribeiro projetava publicar as seguintes obras: *A literatura no Brasil* (organizada por Afrânio Coutinho), *A medicina no Brasil* (organizada por Aloysio de Castro, Antônio de Almeida Prado e pelo próprio Leonídio Ribeiro), *As ciências no Brasil* (organizado por Fernando de Azevedo), *História do Brasil* (organizado por Otávio Tarquínio de Sousa) e *Geografia do Brasil* (organizado por Delgado de Carvalho).[6]

Foi nesta entrevista ao *Diário Carioca* que Ribeiro anunciou o convite ao "professor Fernando de Azevedo para organizar o plano de um volume sobre 'As Ciências no Brasil'".[7] Semanas depois (13 de outubro), em carta à Azevedo, Ribeiro oficializou o convite, mas tudo indica que o diretor executivo da Larragoiti já havia recebido a confirmação por parte de Azevedo na ocasião em que os dois se encontraram em São Paulo, como podemos ler nesta primeira carta:

> Meu caro amigo
> Recebo com alegria sua carta e agradeço as amáveis referências sobre o livro em que procurei retratar o nosso grande Afrânio [Peixoto].
> Junto você encontrará o convite oficial para dirigir o volume sobre "As Ciências no Brasil".

[4] RIBEIRO, Leonídio. Fundação Larragoiti. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XXXII, n. 9466, p. 4, 7 mar. 1951.

[5] "As artes plásticas no Brasil" vieram preencher uma lacuna. Entrevistado: Leonídio Ribeiro. **Diário Carioca***,* Rio de Janeiro, ano XXV, n. 7436, p. 3 e 10, 28 set. 1952.

[6] Idem.

[7] Idem.

> Gostaria de pedir-lhe que me mandasse o plano geral da obra, antes de fazer os convites a todos os colaboradores, pois a orientação seguida, nos demais tomos, é a de distribuir as matérias entre colaboradores de vários centros do país, a fim de não lhe dar um caráter regionalista.
> Tenho aqui no Rio alguns nomes que desejaria sugerir a você, para também participar/em de nossos esforços no sentido de *realizar uma coisa digna do Brasil*.
> Seu velho amigo e admirador
>
> Leonídio Ribeiro.[8]

Junto com esta carta, outras duas foram enviadas no mesmo dia e apresentaram informações importantes sobre as projeções que estavam sendo feitas então. No convite, lemos:

> Tenho o prazer de confirmar o convite que lhe fiz, pessoalmente, em São Paulo, para redigir o plano e coordenar os trabalhos de redação e acompanhar a impressão do volume intitulado 'As Ciências no Brasil', da coleção de obras sobre assuntos brasileiros que a Instituição Larragoiti está editando, dentro do seu programa cultural.[9]

Nesta correspondência, são estabelecidos os honorários destinados aos autores que colaborariam com a produção do livro:

> Os colaboradores serão pagos à razão de Cr$300,00 (trezentos cruzeiros) por página, sendo previamente fixado um limite máximo de folhas datilografadas, para a colaboração de cada um deles.
> Os honorários que lhe caberão por este trabalho serão de dez mil cruzeiros, pagos por ocasião da terminação dos trabalhos de redação e impressão do volume.
> Esperando sua resposta favorável ao nosso convite, aproveito a oportunidade para lhe apresentar os meus cordiais cumprimentos. [10]

Alguns dias depois (21 de outubro), com a reconhecida atenção que dava a todas as suas correspondências,[11] Azevedo respondeu a carta-convite de

[8] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6/1,03 – 13 de Setembro de 1952.

[9] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6/1,02 – 13 de Setembro de 1952.

[10] Idem.

[11] Para conhecimento do perfil de Fernando de Azevedo (pelo olhar daqueles que o conheceram), ver: Maria Luiza PENNA (2015) e o número especial da **Revista IEB**, n. 37 (1994).

Ribeiro, traçando desde então os contornos da estruturação para o livro – transcrevo abaixo a carta integralmente:

> Senhor Diretor,
> em carta de 13 do corrente mês me confirma vossa senhoria o convite que me fez, pessoalmente, em S. Paulo, para redigir o plano e coordenar os trabalhos de redação e acompanhar a impressão do volume "As ciências no Brasil" da coleção de obras sobre assuntos brasileiros que a Instituição Larragoiti está editando dentro de seu programa cultural. Declara-me ainda, na referida carta, que os colaboradores serão pagos à razão de Cr.$ 300,00 (trezentos cruzeiros) por página e que me cobrarão, pelo trabalho de planejar e organizar o volume, os honorários de Cr.$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) que me serão pagos quando estiverem concluídos sua redação e impressão.
> Para que, no entanto, fiquem bem claros os entendimentos que tivemos sobre o assunto, peço licença para esclarecer três pontos:
> 1) que cada trabalho deve ser de 25 a 30 páginas, pois não me parece possível elaborar, em menos espaço, uma síntese exata, e tão completa quanto possível da história de cada uma das ciências no Brasil;
> 2) que deve presidir o mais rigoroso critério à escolha dos colaboradores, que serão convidados por mim, depois da necessária troca de ideias com o diretor da coleção;
> 3) que, além dos honorários (dez mil cruzeiros) que me serão pagos pelo trabalho de planejamento e organização da obra, me será devido, na qualidade de colaborador, o pagamento, à razão de trezentos cruzeiros por página, pelo ensaio sobre ciências sociais (o último capítulo).
> Aceitando, nestes termos, o convite com que me distinguiu, aproveito a oportunidade para lhe apresentar meus cordiais cumprimentos,
>
> Fernando de Azevedo.[12]

Leonídio Ribeiro aceitou o plano geral esboçado por Azevedo, enviando-lhe primeiro um telegrama (3 de novembro)[13] e logo em seguida uma carta (13 de novembro),[14] na qual podemos ler:

> Estou de pleno acordo com os assuntos e concordo igualmente com os nomes lembrados. Logo que haja completado a lista de

[12] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6/1,04 – 21 de Setembro de 1952.
[13] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6/1,05 – 3 de Novembro de 1952
[14] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6/1,06 – 13 de Novembro de 1952

> autores, peço-lhe que m'a envie para ser oficialmente aprovada, a fim de serem feitos os respectivos convites.

Neste primeiro conjunto de cartas, podemos ver o que Rebeca Gontijo (2004) chamou de os "bastidores da construção da obra". É possível notar que o interesse de Ribeiro era lançar um trabalho que não estivesse marcado pelo regionalismo, mas que fosse "digno do Brasil", e para isso sugeriu a escolha de autores de várias partes do país. Desde a década de 1930, pelo menos, vivia-se no país um cenário cultural (principalmente literário), em que o regionalismo despertara muito interesse (tanto para elogios quanto para críticas). Na década de 1950, quando o modernismo e o desenvolvimentismo tomavam novo fôlego no Brasil, a noção de "ciência" estava marcadamente voltada tanto para o "universal"/internacional, quanto para os problemas nacionais/locais. Os textos do físico José Leite Lopes publicados entre as décadas de 1950 e 1970 são demonstrativos dessa relação dialética (BOTELHO; BASTOS; VILLAS BÔAS, 2008).

Para além do contexto específico em que se vivia, a sugestão de Ribeiro para que houvesse diversidade entre os colaboradores estava também calcada numa perspectiva de *alcance*. Em tese, uma obra coletiva tem um potencial de alcance maior que um trabalho autoral, uma vez que o número de sujeitos diretamente envolvidos e interessados em divulgar aquela obra é pelo menos igual ao número de colaboradores que assinaram seu conteúdo. Nas cartas que Ribeiro enviava a Azevedo, fica patente o seu interesse em fazer as obras financiadas pela Instituição Larragoiti terem um amplo alcance e boa recepção.[15]

Outro ponto a ser sublinhado é o pedido do próprio Azevedo para escrever o capítulo sobre "ciências sociais". Isso significaria que ele abriria (Introdução) e fecharia ("último capítulo") o livro que estava organizando. Como veremos mais à frente, esta foi uma das características materiais do livro que contribuiu para impregnar sua marca na obra, e demarcar a sua função-autor ao ponto de quase eclipsar a presença dos demais autores.

Assim, as negociações para a produção de *As Ciências no Brasil* tiveram início. Ao longo dos próximos dois anos (1953-1955), Azevedo e Ribeiro

[15] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6.

trocaram muitas correspondências, bem como Azevedo (enquanto organizador) e os demais colaboradores-cientistas que ele convidou para escrever os capítulos do livro. Muitos imprevistos, contudo, provocaram alterações no cronograma de publicação e na materialidade da obra. Os pormenores dessas negociações e diálogos não caberiam no espaço deste texto, mas tentarei formular uma síntese que permita revelar um pouco do processo de construção desse livro.

2. MUITOS COLABORADORES, MAS QUANTOS AUTORES?

Nas correspondências citadas acima, é possível identificar vários elementos norteadores da produção do livro. O radar de escolha dos colaboradores não só deveria ser ampliado para "vários centros do país, a fim de não lhe dar um caráter regionalista", como também seguir um "rigoroso critério" dos nomes a serem cotados para escrever os capítulos da obra. Apesar dos esforços de Azevedo, o livro veio a público apresentando um conjunto de autores, regionalmente, bastante limitado (vinculados a instituições de São Paulo ou do Rio de Janeiro).

Azevedo enviou os primeiros convites em bloco, no dia 10 de dezembro de 1952. Usando um modelo padrão para todos os convidados, ele listou em sua correspondência todos os protocolos para a escrita dos capítulos. Para visualizarmos melhor o teor desses convites, abaixo transcrevo integralmente uma das cartas-convite:

> São Paulo, 10 de dezembro de 1952
> Ilmo. Sr. Dr. Joaquim Sampaio Ferraz
> Ilustre e prezado amigo,
> Tendo aceitado o encargo de organizar e prepara o volume "As ciências no Brasil" – da coleção de obras sobre assuntos brasileiros que a Instituição Larragoiti está editando, dentro de seu programa cultural e constituirão uma verdadeira enciclopédia sobre o Brasil, - e já planejada a obra, apresentei ao prof. dr. Leonídio Ribeiro, diretor da coleção, o meu parecer sobre o rigor de critério que deve presidir à escolha dos colaboradores. Somos ambos de opinião que esse é um ponto fundamental. Serão todos **especialistas de alto valor nos domínios das diversas ciências** de que pretendemos traçar a história no Brasil, desde as primeiras manifestações até o seu estado atual, analisando-as do **ponto de vista do ensino, das instituições e organizações científicas, da bibliografia e das pesquisas e seus resultados**.

> Tenho pois o prazer de convidar o ilustre professor, cujo nome foi dos primeiros que me ocorreram, para escrever o capítulo sobre Meteorologia no Brasil. Cada trabalho que será uma síntese tão completa quanto possível, deve ser de, no máximo, **30 páginas datilografadas**, em espaço dois, em papel ofício. A seleção das ilustrações que forem necessárias (retratos, fotos de edifícios, reproduções facsimilares de rostos de livros, de manuscritos, etc.) ficará a cargo de cada um dos colaboradores que deverão juntá-las aos originais, a serem entregues até 30 de Junho do próximo ano de 1953. As colaborações serão pagas à razão de **Cr. $300,00 (trezentos cruzeiros) por página**.
> Tratando-se de obra realmente importante, **projetada com o propósito de apresentar, no país e no estrangeiro, uma visão clara, fiel e objetiva, do desenvolvimento de cada uma das ciências no Brasil e das perspectivas que se abrem, nos diversos domínios científicos**, ficaremos muito agradecidos ao eminente professor se nos der, como esperamos, a honra de sua valiosa colaboração. Estarei inteiramente ao seu dispor para quaisquer esclarecimentos que julgar necessários ou convenientes. Juntam-se a esta as cláusulas ou termos de nosso acordo e a lista dos capítulos e dos nomes de colaboradores que, nesta data, estão sendo igualmente convidados.
> Com a expressão muito cordial de meu alto apreço e de minha profunda estima,
>
> Fernando de Azevedo.[16]

Todas as primeiras cartas seguiram este padrão, alterando-se apenas o nome do cientista convidado e a área de conhecimento a que estava vinculado. Além de uma gigantesca quantidade de informações que nos permitem tecer uma série de interpretações, elas revelam algumas das dimensões que deveriam ser privilegiadas nas narrativas de cada capítulo: ensino, instituições e organizações científicas, bibliografia, pesquisas e resultados.[17] Esses recortes temáticos, bem como o anúncio da projeção de alcance nacional e internacional do trabalho, informavam aos colaboradores as direções a serem seguidas (em termos de narrativa), já a apresentação das "perspectivas que se abrem, nos diversos domínios científicos", indicava aos colaboradores que não só o passado, mas também o futuro das ciências no país deveria ser levado em consideração.

[16] AFA-IEB-USP, FA-D6/1,08 – 10 de dezembro de 1952. (Negritos meus.)

[17] Estas dimensões serão alteradas em algumas das cartas posteriores, algo que exige uma análise mais detalhada para o estudo da narrativa dos cientistas que colaboraram com o livro.

Os recortes e projeções sugeridos pelo organizador tiveram implicações de longo prazo na historiografia das ciências no Brasil. A mais explícita talvez esteja relacionada às "instituições e organizações científicas", as quais foram objeto de grande atenção a partir das décadas de 1980 e 1990, principalmente derivados dos trabalhos e da orientação da profa. Maria Amélia M. Dantes (FIGUEIRÔA, 1998; DANTES, 1980, 2001, 2005; LOPES, 1997).

Contudo, a despeito dos caminhos apontados por Azevedo, cada colaborador imprimiu nas páginas que escreveram um jeito próprio de narrar a história de cada ciência. Exceptuando-se a linearidade, há muitas variações em termos não só estilísticos (o que não é algo insignificante), mas também interpretativos. Uma vez que muitos dos capítulos deste livro podem ser identificados como os primeiros de suas respectivas historiografias, analisar a textualidade e a intertextualidade desses trabalhos corresponde a um esforço de compreensão dos primeiros movimentos de construção de sentidos históricos sobre os saberes científicos no país.

Mas esta análise extrapolaria os objetivos e espaço deste texto.[18] Voltemos às cartas, e vamos acompanhar um pouco da busca de Azevedo pelos cientistas-colaboradores.

Como vimos, Azevedo estabeleceu um prazo de 6 meses para a redação de cada capítulo – compromisso que nenhum dos cientistas que vieram a aceitar seu convite conseguiu cumprir (fenômeno comum no mundo editorial). Ele também estabeleceu um limite de 30 páginas para cada capítulo – outro aspecto que não foi rigorosamente acatado.

No **Quadro 1** vemos quais foram os primeiros cientistas convidados para colaborar na escrita d'*As Ciências no Brasil*.

Quadro 1: Primeiros cientistas convidados e suas respostas.

Nome	Área/Capítulo	Resposta
Candido Lima da Silva Dias	Matemática	Recusou
Lélio Itapumbyra Gama	Astronomia	Recusou
Joaquim Costa Ribeiro	Física	Aceitou
Joaquim de Sampaio Ferraz	Meteorologia	Aceitou
Viktor Leinz	Geologia e Paleontologia	Aceitou
Djalma Guimarães	Mineralogia e Petrografia	Recusou

[18] O estudo da textualidade e intertextualidade do livro será realizado em outros trabalhos.

Carlos Miguel Delgado de Carvalho	Geografia	Recusou
Heinrich Rheinboldt	Química	Aceitou
Olivério Mário de Oliveira Pinto	Zoologia	Aceitou
Felix Rawitscher	Botânica	Recusou
Thales César de Pádua Martins	Biologia	Aceitou
Manuel Bergström Lourenço Filho	Psicologia	Aceitou
Eugenio Gudin	Economia Política	Recusou
Edgar Roquette-Pinto	Antropologia	Recusou

Fonte: Quadro produzido pelo autor a partir das 14 cartas enviadas por Azevedo, segundo a ordem dos capítulos do livro. Cf. AFA-IEB-USP, FA-D6.

Neste primeiro momento, foram convidados cientistas de São Paulo (8), do Rio de Janeiro (5) e de Minas Gerais (1). Raiany Oliveira (2016) interpretou o predomínio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP entre as instituições de vínculo dos cientistas escolhidos por Azevedo devido ao lugar que ele ocupava nesta instituição, sendo um dos fundadores, e também por seu interesse na "vulgarização das ideias produzidas pelos acadêmicos da FFCL, e como instrumento de afirmação daquela comunidade científica que começava a almejar ser o centro nacional de produção de ciências" (OLIVEIRA, 2016, p. 502). Mas há outros fatores a serem considerados para compreendermos as escolhas de Azevedo. O *tempo* é um deles.

Inicialmente, projetava-se a publicação do livro para o final de 1953 ou início de 1954 – foi até aventada a ideia de incluir o seu lançamento no circuito de comemorações do IV Centenário de São Paulo.[19] O tempo era escasso, e para a infelicidade de Azevedo, sete dos quatorze primeiros cientistas convidados recusaram o seu chamado. Com muita agilidade, ele enviou novas cartas-convite para outros cientistas. No **Quadro 2** podemos observar os nomes dos cientistas e as datas da correspondência enviada por Azevedo após a recusa dos primeiros sete. Neste quadro notamos as tentativas por parte do organizador em escolher nomes fora de São Paulo, dando prioridade aos cientistas do Rio de Janeiro. Porém, a subsequente recusa destes últimos fez com que Azevedo voltasse sua atenção à São Paulo e à USP. Provavelmente porque na USP, para além dos interesses apontados por Oliveira (2016), Azevedo soubesse (ou supunha) que os professores teriam maiores dificuldades em declinar o seu

[19] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6/1,74 – 5 de outubro de 1953.

convite – visto que ele ainda ocupava um lugar importante naquela instituição, e, assim, teria maior poder de negociação com relação aos pesquisadores vinculados a ela. Por sua vez, os professores da USP, comparados aos cientistas do Rio, gozavam em geral de mais estabilidade com relação a seus cargos, o que também lhes facilitava o aceite do convite de Azevedo (LEITE LOPES, 1998).

Àquela época, era comum que cientistas exercessem muitas atividades além da própria pesquisa/ensino, rotina que poucas vezes lhes permitiam o tempo para uma pesquisa como a que Azevedo estava propondo, assim, as justificativas que os cientistas indicaram para declinar ao seu convite vão desde a falta de tempo, ou o acúmulo de trabalhos com burocracias administrativas, e até mesmo a inexperiência com a pesquisa histórica.

Quadro 2: Segunda remessa de convites.

Data de envio da carta	Nome	Estado/Vínculo	Capítulo	Resposta
15 dez. 1952 [?]	Francisco de Oliveira Castro	RJ	Matemática	Aceita
8 jan. 1953	Hilgard O'Reilly Sternberg	RJ	Geografia	Recusa
9 jan. 1953	Jorge Kafuri	RJ	Economia Política	Recusa
9 jan. 1953	Raul Jobim Bittencourt	RJ	Economia Política	Recusa
26 jan. 1953	Othon Henry Leonardos	SP	Mineralogia e Petrografia	Aceita
26 fev. 1953	José Veríssimo da Costa Pereira	SP	Geografia	Aceita
10 abr. 1953	Mário Guimarães Ferri	SP	Botânica	Aceita
7 maio 1953	Paul Hugon	SP	Economia Política	Aceita
5 out. 1953	Abrahão de Moraes	SP	Astronomia	Aceita

Fonte: AFA-IEB-USP, FA-D6. Elaborado pelo autor.

Somente na segunda metade do ano de 1953 Azevedo pôde confirmar todos os nomes dos colaboradores. O planejamento inicial, portanto, não foi mantido, e nem mesmo a possibilidade sugerida do lançamento da obra no ano das comemorações do quarto centenário de São Paulo conseguiu chegar a termo. Com isso, a estrutura do livro foi fixada:

Quadro 3: Relação definitiva de colaboradores.

Volume 1	
Nome	Capítulo
Fernando de Azevedo	Introdução
Francisco Mendes de Oliveira Castro	A Matemática
Abrahão de Moraes	A Astronomia no Brasil
Joaquim da Costa Ribeiro	A Física no Brasil
Joaquim de Sampaio Ferraz	A Meteorologia no Brasil
Viktor Leinz	A Geologia e a Paleontologia no Brasil
Othon Henry Leonardos	A Mineralogia e a Petrografia no Brasil
José Veríssimo da Costa Pereira	A Geografia no Brasil

Volume 2	
Nome	Capítulo
Heinrich Rheinboldt	A Química no Brasil
Olivério Mário de Oliveira Pinto	A Zoologia no Brasil
Mário Guimarães Ferri	A Botânica no Brasil
Thales César de Pádua Martins	A Biologia no Brasil
Manoel Bergström Lourenço Filho	A Psicologia no Brasi
Paul Frederic Hugon	A Economia Política no Brasil
Fernando de Azevedo	A Antropologia e a Sociologia no Brasil

Fonte: AFA-IEB-USP e *As Ciências no Brasil*. 1. ed., 1955.

O livro que Azevedo e Ribeiro queriam que estivesse nas estantes das livrarias do Rio e de São Paulo (e depois em todo país e no exterior) no início de 1954, terminou por ser publicado apenas no final do ano seguinte.

Mas finalmente estavam confirmados os cientistas que iriam ser colaboradores. Mas todos eles seriam autores? Apesar da estranheza que a pergunta possa expressar (afinal, se o sujeito escreveu o texto, ele não seria automaticamente o seu autor?), essa associação sinonímica entre os dois termos não é tão simples quanto parece. E é justamente o tipo de suporte e as especificidades da materialidade na qual esses textos foram conformados onde reside um dos elementos principais que nos permite analisar com mais atenção essa sutil distinção entre “colaborador” e “autor” que estou sublinhando.

Este problema não é novo. O “autor” é um dos pontos mais controversos dos estudos literários (COMPAGNON, 2010, p. 47-94) e tem sido tema de debates calorosos desde pelo menos os anos finais da década de 1960, com os textos de Roland Barthes (2004 [1968]) e Michel Foucault (2009 [1969]), e mais recentemente com os trabalhos de Roger Chartier (1998; 2012). Os debates

envolvem quase sempre questões de "intenção", "significação e significado" e "interpretação", as quais podem ser mais ou menos vinculadas ao "autor" ou, como tem sido feito nas últimas décadas, aos "leitores".

Entre as intenções (nem sempre bem determinadas e raramente controladas integralmente) que atravessaram as escolhas dos autores sobre os textos, as preferências da editora com relação à forma e às características tipográficas e paratextuais que transformaram os textos em livro e os usos e atribuições de significado que os leitores darão ao trabalho/obra finalizado, há um emaranhado de relações (estruturais e eventuais) que circunscrevem os sentidos de um livro em diferentes momentos. Para compreendermos a construção do "autor" no caso de *As Ciências no Brasil*, darei ênfase às características tipográficas do livro e à sua recepção.

3. MATERIALIDADE, ALGUNS FRAGMENTOS DA PRIMEIRA RECEPÇÃO E FUNÇÃO-AUTOR.

> POR iniciativa do Prof. Leonídio Ribeiro e sob os auspícios da Instituição Larragoiti, acaba de ser publicado, em dois volumes, pela Melhoramentos, um simpósio sobre as *Ciências no Brasil* – coletânea de estudos sobre vários aspectos da evolução cultural do nosso país, no campo científico.[20]

Assim, Valdemar Cavalcanti, crítico literário do jornal *O Observatório Econômico e Financeiro*, inicia a primeira matéria sobre o livro nos jornais de 1955. A documentação informa que a tiragem do livro foi de 3 a 5 mil exemplares.[21] A primeira recepção do livro encontra-se principalmente nos jornais – que àquela época permaneciam como um importante meio para os diálogos intelectuais no Brasil (SÜSSEKIND, 2003).

No mapeamento (em andamento) de referências ao livro *As Ciências no Brasil* em jornais da década de 1950, foi possível encontrar mais de vinte matérias sobre o livro.[22] Em sua maioria, as matérias são do tipo "anúncio", de

[20] CAVALCANTI, Valdemar. "As ciências no Brasil". **O Observador Economico e Financeiro**, Rio de Janeiro, ano XX, n. 238, p. 12, dez. 1955.

[21] AFA-IEB-USP, Caixa 082, FA-D6/2,02.

[22] Estou utilizando a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para realizar este mapeamento. Para uma visão geral sobre jornais como fonte histórica, ver Barros (2023) e sobre prós e contras dessa plataforma, ver Brasil e Nascimento (2020).

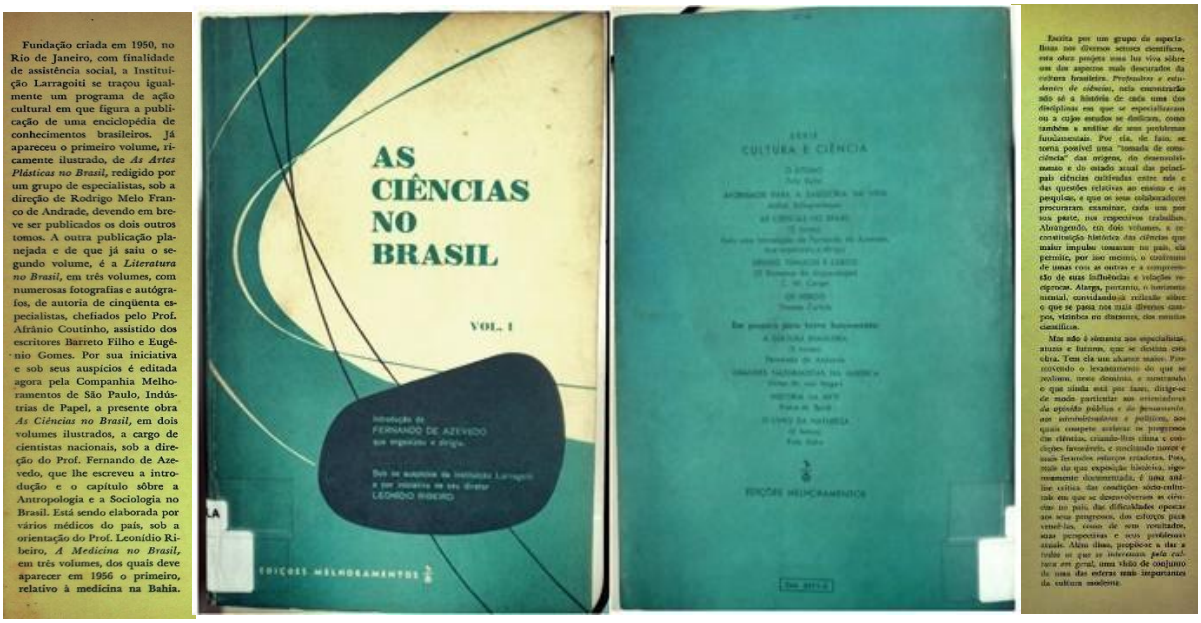
caráter descritivo, mas algumas tecem considerações mais detalhadas, nas quais é possível notar uma leitura crítica da obra. E algo que fica marcado nessa fortuna crítica é a ênfase dada ao nome do organizador, Fernando de Azevedo.

Parte das razões que podem explicar esse destaque dialogam certamente com a posição de Azevedo no universo cultural e intelectual da primeira metade do século XX.[23] Ele havia atuado na linha de frente de grandes projetos no eixo Rio-São Paulo entre as décadas de 1920 e 1940, o que garantiu ao seu nome um peso simbólico e referencial que a maioria dos cientistas colaboradores em questão não possuía.[24].

Outro fator que nos ajuda a entender esse destaque é a própria materialidade do livro – aspecto que gostaria de enfatizar neste trabalho. Depois de tudo que foi mencionado acima, torna-se ainda mais evidente que "o livro não é um objeto natural, mas artificial, material e simbólico" (HANSEN, 2019, p. 7). Assim, com quais características do livro *As Ciências no Brasil* se apresentava ao leitor em 1955?

[23] Para uma cronologia da vida pessoal e intelectual de Azevedo, ver: CASTRO (1994). Sobre seu papel como editor/diretor de coleções de livros, ver: TOLEDO (2020).
[24] Neste interim, a leitura de De Certeau (2015) é bastante útil.

Imagem 2: Capa, quarta capa e orelhas do primeiro volume da primeira edição de *As Ciências no Brasil*; encadernação flexível.[25]



Fonte: *As Ciências no Brasil*, 1. ed. 1955. Imagem montada pelo autor

Na primeira edição do livro (como vemos na **Imagem 1**), algo interessante nos é apresentado. Visto de frente, o livro tem as mesmas formas e design dos livros da coleção "Obras Completas de Fernando de Azevedo", que a mesma Editora Melhoramentos estava editando desde 1952. Além do nome do organizador e do diretor-executivo, não é possível localizar nenhum dos nomes dos colaboradores. Virando o livro, na quarta capa, não encontramos nada que informe sobre o conteúdo do livro, mas apenas um breve índice de obras de outra coleção, "Cultura e Ciência" (que poderia levar um leitor desavisado a pensar que o livro em mãos faz parte desta coleção). Mesmo quando abrimos o livro e nos dedicamos a ler as orelhas para conhecer algo sobre a obra, não enxergamos qualquer menção aos nomes dos cientistas que escreveram os capítulos.

Desde a capa e a quarta capa, passando pelas orelhas e a *Introdução*, vários dispositivos no livro creditam um lugar especial ao nome Fernando de Azevedo. Quero dizer, a própria constituição do objeto livro atribui ao organizador

[25] Também foi lançada uma impressão em capa dura lisa (meio encadernado) que apresentava informações (como o título, a editora e o nome do organizador) apenas na lombada. Uma impressão da primeira edição.

o lugar de "autor" (FOUCAULT, 2009; CHARTIER, 2012; 2021). Todos esses "paratextos", como diria Gerard Gennett (2009), informam o leitor antes da leitura. E não seria demasiado afirmar que em alguma medida tais dispositivos que envolvem e conformam o livro indicam ao leitor uma maneira específica de entrar em contato com os textos que reúne. Essas minúcias, apesar de parecerem triviais, são importantes para o estudo da recepção e da história do livro (MCKENZIE, 2018).

E como foi a primeira recepção do livro? Não haveria momento mais oportuno para o lançamento d'*As Ciências no Brasil,* justamente no meio na década de 1950. Uma década efervescente na história da ciência no país. Para alguns, foi a década do "apogeu do nacional desenvolvimentismo" (LAHUERTA, 2008, p. 311), e especialmente com relação às ciências, José Leite Lopes recorda que "foi uma época de grande entusiasmo" (LOPES, 1998, p. 196), um momento marcado "de um lado, pelo otimismo da mudança e, por outro, por um medo e um surto conservador diante das novas tendências" (LACOMBE, 2008, p. 237). CNPq, CAPES, Petrobrás, IMPA, o Betatron na USP, são alguns poucos exemplos do que a década de 1950 concebeu em termos de avanços para as ciências no país. A então recém-criada Sociedade Brasileira para o Progresso das Ciências (SBPC), 1948, e o Centro Brasileira de Pesquisas Físicas (CBPF), 1949, prepararam o terreno (não sem muita luta) para que na década seguinte frutificassem alguns anseios da comunidade científica brasileira (FERNANDES, 2000; ANDRADE, 1999). Durante o período da escrita dos textos que iriam compor o livro (1952-1954), muitos dos cientistas que colaboraram com a obra estavam atuando, eram fundadores ou filiados a uma ou mais dessas instituições.

O tom otimista de alguns deles perante o futuro e o presente, e a afirmação de "ausências" e "excepcionalidades" num passado árido e pouco colorido de atividades científicas, indicam o provável sentimento de viver num período que se sabia "áureo" para a pesquisa científica no Brasil – se lembrarmos que muitos desses cientistas foram formados entre as décadas de 1920 e 1940, quando as universidades e institutos estavam emergindo como espaços e símbolos de uma renovação científica no país, compreenderemos

melhor a maneira como classificavam seu presente e interpretavam o passado brasileiro.

Dessa forma, em muitos jornais da década de 1950 era possível encontrar materiais nas quais a obra era classificada como "monumental" e "enciclopédica", "uma obra destinada a obter, nos círculos intelectuais do país, a maior e mais justa repercussão",[26] outros declararam que seria "o primeiro livro no gênero que se publica em língua portuguesa, na América Latina".[27] O ano de 1956 consagra o maior número de referências sobre *As Ciências no Brasil*, e já então é possível notar algumas nuances na recepção do livro. Em alguns artigos, a figura de Azevedo é realçada, como podemos ler neste trecho do jornal *Tribuna da Imprensa* (RJ):

> MAIS uma excelente contribuição à cultura nacional vem de ser apresentada pela Instituição Larragoiti, com a publicação da obra intitulada "As ciências do Brasil".
>
> Tal como outras obras publicadas sob os auspícios da mesma instituição, o trabalho recém-publicado, dirigido pelo professor Fernando de Azevedo e dado à publicidade por iniciativa do professor Leonídio Ribeiro, vem merecendo franca acolhida por parte dos intelectuais brasileiros. Trata-se de um volume de quase mil páginas, ilustradas com reproduções de obras raras, fotografias de pesquisadores, sábios e pioneiros da ciência brasileira. **Nesse seu extraordinário trabalho, o professor Fernando de Azevedo conseguiu apresentar uma visão completa da evolução das ciências no Brasil** (...).[28]

No jornal *A Noite* (RJ), Celso Kelly afirma que "*Trata-se de um livro básico, em dois volumes, que aparece completo, dotado de unidade, apesar da pluralidade de autores, todos bem escolhidos*."[29] Tal unidade, porém, é contestada por Paulino Groia, que escreveu com minúcia sobre o livro em meados de 1956 no *Jornal do Dia* (RJ). Apesar de declarar que a obra "constitui talvez a maior realização editorial do ano pelo seu alto valor intrínseco", Groia

[26] "As ciências no Brasil" – revisão crítica por vários autores. **O Jornal**, Rio de Janeiro, ano XXXVII, n. 10853, p. 5, 22 jan. 1956.
[27] Panorama Educacional. **Diário do Paraná**, Curitiba, ano II, n. 502, p. 5, 15 nov. 1956.
[28] "As ciências do Brasil". **Tribuna da Imprensa**, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 1878, p. 2, 3-4 mar. 1956. (Negritos meus.)
[29] KELLY, Celso. Letras e Artes – um livro básico: "As ciências no Brasil". **A Noite**, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 15253, p. 11*, 1 mar. 1956. (Itálicos do original.)

não hesitou em apontar alguns defeitos (relacionados à bibliografia utilizada por alguns autores, a ausência de índice alfabético na obra, etc.), destacando também certa heterogeneidade dos textos que compunham o livro.[30]

Ao longo do século XX a leitura do livro como unidade foi predominante (SILVA FILHO, 2024). Há muitos estudos especializados sobre a historiografia da física, da matemática, entre outras, em que é possível observar análises específicas de cada capítulo – em muitos desses casos, esses estudos identificam os capítulos do livro como sendo trabalhos pioneiros. *As Ciências no Brasil* é um caso particular de um fenômeno comum no qual o livro, enquanto suporte, funciona como dispositivo atribuidor de ordem ou harmonia para uma heterogeneidade de textos.

Quando verificamos que alguns dos capítulos do livro foram posteriormente publicados como pequenas obras individuais (foi o caso do capítulo de Matemática e o de Economia Política)[31] ou como capítulo em outras obras (a Introdução foi também publicada em outro livro de Azevedo), tal heterogeneidade fica ainda mais nítida.

A despeito das diferenças entre os textos e entre seus autores, Azevedo tem sido colocado num lugar de destaque. Minha hipótese é que esta leitura do livro e de seu organizador como autor se deve em grande medida a materialidade da obra. Se, como sustenta D.F. McKenzie (2018, p. 45), "novos leitores (...) fazem novos textos", as leituras do livro desde 1970 até meados dos anos 1980[32] tiveram impacto explícito na segunda edição (Editora da UFRJ, 1994) d'*As Ciências no Brasil*. Nela Azevedo ganha um retrato na capa, e nas orelhas do primeiro volume do livro, assinadas por Maria Luiza Penna – uma importante estudiosa do pensamento de Azevedo –, lemos uma biografia intelectual do organizador (ver **Imagem 3** abaixo). Isso é reforçado no prefácio desta edição, escrito por Antônio Cândido, que tece elogios à trajetória e ao empenho de

[30] GROIA, Paulino. Roteiro de livros: algumas obras básicas de história. **Jornal do Dia**, Porto Alegre, ano X, n. 2842, p. 4, 29 jul. 1956

[31] O capítulo de Economia Política foi publicado pela própria Editora Melhoramentos, numa separata, em 1957. Já o capítulo sobre Matemática foi lançado em 1992 pela editora da Unicamp.

[32] Quando falo em leituras a partir das décadas de 1970 a 1980, refiro-me à recepção/usos do livro em trabalhos acadêmicos sobre as ciências brasileiras, como Santana (1978), Morel (1979), Schwartzman (1979), Ferri; Motoyama (1979; 1980; 1981).

Azevedo em prol da educação e da ciência no Brasil. Ademais, a segunda edição, por coincidência ou não, foi publicada justamente no ano que se comemorou o centenário do nascimento de Fernando de Azevedo (1894-1974).

Imagem 3: Capa, quarta capa e orelhas do primeiro volume da segunda edição d'*As Ciências no Brasil* (1994)



Fonte: *As Ciências no Brasil*, 2. ed., 1994. Imagem montada pelo autor.

Para complementar essa hipótese sobre a importância da materialidade na interpretação da recepção da obra, há ainda outro fator. Costuma-se dizer que a introdução é o primeiro texto lido, mas o último a ser escrito – o que faz todo sentido. Porém, este não foi o caso da "Introdução" de *As Ciências no Brasil*. Consultando os manuscritos da obra, é possível identificar que Azevedo finalizou a escrita do texto de introdução no mês de setembro de 1953.[33] Até então, o único capítulo que ele tinha em mãos era o de Lourenço Filho, sobre a Psicologia, todos os demais capítulos foram enviados para Azevedo meses depois, e alguns apenas no ano de 1954.

A ausência de referência na "Introdução" aos textos que compõem o livro é um indício do que o manuscrito evidencia. Azevedo abre e fecha o livro, mas

[33] AFA-IEB-USP, FA-Pio, Caixa 04, 41/170.

até que ponto as suas interpretações, de fato, dialogam com as que os outros treze colaboradores escreveram?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arriscando uma cronologia para o estudo da recepção d'*As Ciências no Brasil*, além da primeira fase (que se estenderia do ano da publicação até o final da década de 1970), penso numa segunda fase entre os anos de 1979 e 1994,[34] e uma terceira entre 1994 e 2004.[35] Esta divisão se baseia na própria tipologia (diversa) tanto da historiografia das ciências no Brasil, quanto dos trabalhos de história da historiografia das ciências no Brasil.[36]

Ao longo dessas etapas de recepção da obra, a função-autor de Azevedo encaminhou-se de forma similar a definição dada por Michel Foucault: "ela não se forma espontaneamente com a atribuição de um discurso a um indivíduo. É o resultado de uma operação complexa que constroi certo ser de razão que se chama autor" (FOUCAULT, 2009, p. 276). Desempenha uma função de síntese de um pensamento, de discursos dispersos (concorrentes ou não); é um signo que resgata uma suposta origem, um gesto que atribui homogeneidade ao heterogêneo (CHARTIER, 2021, p. 29-30). Isso acontece tanto em virtude dos momentos/espaços/modos como os escritos de Azevedo foram lidos nos estudos sobre as historiografias das ciências no Brasil, quanto pela maneira como o livro (suporte) *As Ciências no Brasil* foi construído e apresentado ao(s) seu(s) público(s).

As revisões e críticas pelas quais o livro foi submetido ao longo da institucionalização do campo da História das Ciências no Brasil (especialmente

[34] Publicação de **Formação da comunidade científica no Brasil** (1979), de Simon Schwartzman, até a segunda edição de **As Ciências no Brasil** (1994), durante esses 25 anos muitas mudanças ocorreram no campo da HCB. Ver Dantes (2005; 2015), Motoyama (1988), Figueirôa (1998), Vasconcelos (2021).

[35] Recepção à segunda edição do livro (1994), até a publicação de **Prelúdio para uma História: ciência e tecnologia no Brasil** (2004), organizado por Shozo Motoyama. Durante esta década foram consolidados muitos programas de pós-graduação ou linhas de pesquisa em História da Ciência no/do Brasil e grupos de pesquisa (MOTOYAMA, 2010; DANTES, 2022; FREIRE JÚNIOR, 2020)

[36] Sobre os diferentes níveis de pesquisa histórica sobre as ciências, ver Martins (2005) e Mollo (2022).

entre a década de 1980 e o início dos anos 2000), contribuíram para uma certa "ausência presente" do livro, o que o torna muito conhecido nominalmente, mas pouco estudado em si. A partir dos anos 1990, Azevedo passou a ser visto como autor de uma concepção "parcial" e em certo ponto "presentista" da ciência e de sua história no país; assim, *As Ciências no Brasil* se tornou uma obra canônica de uma historiografia classificada como tradicional (ver, entre outros: MOTOYAMA, 1988; DANTES, 2000; 2001; 2005; FIGUEIRÔA, 1997; 1998; SILVA, 2016; 2020; VERGARA, 2004; VASCONCELOS, 2021).

Contudo, o resgate dos processos que envolveram a produção e circulação deste livro e de outros livros do campo podem nos revelar diversos problemas relacionados à historicidade da historiografia das ciências do Brasil que ainda estão por ser examinados. Para isso, pensar nos suportes da escrita e no seu potencial simbólico e heurístico para entender de forma não reificada a história das ideias e seu alcance é uma opção que oferece caminhos de pesquisa bastante proveitosos.

Muitas questões afloraram durante a investigação... Desde finais do século XIX, o país viveu sucessivas etapas de "interpretação", com intelectuais fervorosamente motivados a conhecer e explicar a "formação"[37] da sociedade brasileira (BOTELHO; SCHWARCZ, 2009), mas qual foi o papel das ciências nos inúmeros ensaios desses "intérpretes" do Brasil? Qual o lugar das ciências na historiografia brasileira? Qual o nível de circulação/impacto dos estudos históricos sobre as ciências no Brasil na comunidade de historiadores brasileiros (*tout court*)? Essas são algumas questões que sugerem problemas mais ou menos em aberto sobre os quais poderíamos nos debruçar para compreendermos melhor a relação entre os estudos da História e das Ciências no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **História: a arte de inventar o passado** (ensaios de teoria da história). Curitiba: Editora Appris, 2019.

[37] Sobre este conceito e sua utilização pelos intelectuais brasileiros entre as décadas de 1930 e 1950, ver Albuquerque Júnior (2019, p. 21-22).

ANDRADE, Ana Maria. ***Físicos, mésons e política*: a dinâmica da ciência na sociedade**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1999.
Arquivo Fernando de Azevedo (AFA) – Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), Universidade de São Paulo (USP).

AZEVEDO, Fernando de (org.). **As ciências no Brasil**. 2vls. 1. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, s.d. [1955].

AZEVEDO, Fernando de (org.). **As Ciências no Brasil**. 2vols. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

BOTELHO, André; BASTOS, Elide; VILLAS BÔAS, Glaucia (org.). **O moderno em questão:** a década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: TopBooks Editora, 2008.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (org.). **Um enigma chamado Brasil:** 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRASIL, Erick; NASCIMENTO, Leonardo F. História digital: reflexões a partir da hemeroteca digital brasileira e do uso de CAQDAS na reelaboração da pesquisa histórica. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan./abr. 2020.

CASTRO, Maria Cecília Cardoso de. O arquivo Fernando de Azevedo: cronologia e bibliografia. **Rev. Inst. Est. Bras.**, São Paulo, n. 37, p. 213-245, 1994.

CHARTIER, Roger. **Autoria e história cultural da ciência**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

CHARTIER, Roger. Figuras do autor. In: CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. p. 33-66.
CHARTIER, Roger. **O que é um autor?** *Revisão de uma genealogia*. São Carlos: EdUFSCar, 2021.

COMPAGNON, Antoine. O autor. In: COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. 2. ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. p. 47-94.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As instituições imperiais na historiografia das ciências no Brasil. In: HEIZER, Alda; VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. **Ciência, civilização e império nos trópicos**. Rio de Janeiro: Acess, 2001. p. 225-234.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. Instituições de pesquisa científica no Brasil. *In*: FERRI, Mário; MOTOYAMA, Shozo. **História das ciências no Brasil.** v. 2. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária Ltda.: Editora da Universidade de São Paulo, 1980. p. 341-380.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. Introdução: uma história institucional das ciências no Brasil. In: DANTES, Maria Amélia Mascarenhas (org.). Espaços da ciência no Brasil (1800-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. p. 13-25.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. Reflexões sobre os caminhos da historiografia das ciências no Brasil. In: PIETROCOLA, Maurício; FREIRE JÚNIOR, Olival. **Filosofia, Ciência e História**: uma homenagem aos 40 anos de colaboração de Michel Paty com o Brasil. São Paulo: Discurso Editorial, 2005. p. 363-374.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. Uma história institucional das ciências no Brasil: transformações na área da História da Ciência nas últimas décadas do século XX abriram novas possibilidades para a História Institucional da Ciência. **Ciência & Cultura** [online], vol. 74, n. 3, p.1-8, 2022.

DE CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

DEAECTO, Marisa Midori. **História de um livro**: A Democracia na França, de François Guizot (1848-1849). Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021.

FERNANDES, Ana Maria**. A construção da ciência no Brasil e a SBPC.** 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

FERRI, Mário; MOTOYAMA, Shozo. **História das ciências no Brasil**. 3vols. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária Ldta./Editora da Universidade de São Paulo, 1979/1980/1981.

FIGUEIRÔA, Silvia. Marcos para uma história da ciência no Brasil. In: FIGUEIRÔA, Silvia. **As ciências geológicas no Brasil**: uma história social e institucional, 1875-1934. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997. p. 15-32.

FIGUEIRÔA, Silvia. Mundialização da ciência e respostas locais: sobre a institucionalização das ciências naturais no Brasil. **Asclepio**, v. L, n. 2, p. 107-123, 1998.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: FOUCAULT, Michel. **Estética, literatura e pintura, música e cinema**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 264-298.

FREIRE JÚNIOR., Olival. History of science and technology in 20th-Century Brazil. **Oxford Research Encyclopedia of Latin American History,** 2020.

GENETTE, Gérard. **Paratextos Editoriais**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

HANSEN, João Adolfo. **O que é um livro?** São Paulo: Ateliê Editorial, 2019.
Jornais **A Noite** (RJ); **Diário Carioca** (RJ); **Diário do Paraná** (PR); **Jornal do Dia** (PR); **O Jornal** (RJ); **O Observatório Econômico e Financeiro** (RJ); **Tribuna da Imprensa** (RJ).

LAHUERTA, Milton. Marxismo e vida acadêmica: os pressupostos intelectuais da crítica uspiana ao nacional-desenvolvimentismo. In: BOTELHO, André; BASTOS, Elide Rugai; VILLAS BÔAS, Glaucia (org.). **O moderno em questão**: a década de 1950 no Brasil. Rio de Janeiro: TopBooks Editora, 2008. p. 311-356.

LEITE LOPES, José**. Ciência e liberdade**: escritos sobre ciência e educação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; CBPF/MCT, 1998.

LOPES, Maria Margaret. Introdução. As ciências dos museus e a história das ciências no Brasil - uma visão institucional. In: LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica:** os museus e as ciências naturais no século XIX. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997. p. 11-24.

MARTINS, Roberto de Andrade. Ciência versus historiografia: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. In: ALFONSO-

GOLDFARB, Ana Maria & BELTRAN, Maria Helena Roxo (eds.). **Escrevendo a História da Ciência**: tendências, propostas e discussões historiográficas. São Paulo: EDUC/Livraria de Física/FAPESP, 2005. p. 115-145.

MCKENZIE, Donald Francis. **Bibliografia e a Sociologia dos textos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MOLLO, Helena Miranda. Tempo, historiografia e história da historiografia das ciências. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 1, n. 25, p. 9-19, 2022.

MOREL, Regina. **Ciência e estado**: a política científica no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

MOTOYAMA, Shozo. História da Ciência no Brasil. Apontamentos para uma análise crítica. **Quipu**, v. 5, n. 2, p. 167-189, maio/ago. 1988.

MOTOYAMA, Shozo. Sobre a História da Ciência na USP. Entrevista com Shozo Motoyama. **Cadernos de História da Ciência**, Instituto Butantan, v. 1, p. 213-243, jan./jul. 2010.

OLIVEIRA, Raiany Souza de. As ciências no Brasil (1956): história e historiografia. **IX Seminário Brasileiro de História da Historiografia**, p. 494-504, 23 a 25 maio 2016.

PENNA, Maria Luiza (org.). **Fernando de Azevedo** (entrevistas). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

RAVEN, James. Can there be a biography of a book?: comparative observations on publications by Francysk Skaryna and Erik Pontoppidan. **Knygotyra**, v. 80, p. 18-42, 2023.

Revista Sul América, Rio de Janeiro, 1952-1956.

SANTANA, Vanya Mundim. **Ciência e sociedade no Brasil**. São Paulo: Edições Símbolo, 1978.

SCHWARTZMAN, Simon. **Formação da comunidade científica no Brasil**. São Paulo: Edição Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos, 1979.

SILVA FILHO, Agenor Manoel da. O "homem certo na hora certa": Fernando de Azevedo e as histórias da historiografia das ciências no Brasil (1980-2022). **Revista Brasileira de História das Ciências**, v. 17, n. 2, 2024 [no prelo].

SILVA, Márcia Regina Barros da. A escrita da história das ciências na América Latina e seus debates. **Revista de História Iberoamericana**, v. 9, n. 1, p. 67-89, abr. 2016.

SILVA, Márcia Regina Barros da. The history of Science in Latin America in its own terms. **Revista Portuguesa de História**, t. LI, p. 243-264, 2020.

SÜSSEKIND, Flora. Rodapés, tratados e ensaios: a formação da crítica brasileira moderna. *In*: SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. p. 15-36.

TOLEDO, Maria Rita de Almeida. **Coleções Atualidades Pedagógicas**: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

VASCONCELOS, Eduardo Henrique Barbosa de. On the Writing of History of Science in Brazil in the Second Half of the 20th. **Transversal: International Journal of the Historiography of Science**, v. 11, p. 1-15, 2021.

VERGARA, Moema. Ciência e modernidade no Brasil: a construção de duas vertentes historiográficas da ciência no século XX. **Revista da SBHC**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 22-31, jan./jun. 2004.

Recebido em 06/10/2024.

Aprovado para publicação em 17/12/2024.